



A SINGULARIDADE DE UM PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA

Fabiana Giovani¹

INTRODUÇÃO

A alfabetização é um marco importante na vida de qualquer pessoa que vive em uma sociedade letrada. Conhecido como o processo que envolve a aprendizagem e, portanto, o domínio de uma língua na sua modalidade escrita, é no Brasil um direito do cidadão garantido em lei. Atualmente, sob a égide do decreto nº 9.765 está a Política Nacional de Alfabetização (PNA) cujo objetivo é o de melhorar a qualidade da alfabetização no território brasileiro e combater o analfabetismo absoluto e o analfabetismo funcional. Dessa forma, a indicação é a de promover a alfabetização dos estudantes até os oito anos de idade, ao final do terceiro ano do ensino fundamental. Considerando que as crianças brasileiras têm acesso ao ensino fundamental a partir dos seis anos de idade, temos - em tese - os três primeiros anos da escolaridade básica voltados para o objetivo de alfabetizar a comunidade infantil espalhada de norte a sul do país, independentemente de suas condições sociais.

Se a entrada ao mundo letrado é um período importante e que merece ser foco de atenção não só da sociedade em geral, mas especialmente dos pesquisadores que estudam a linguagem no momento de sua aprendizagem (CAGLIARI, 1999; 2008), a situação ganhou uma tonalidade diferente no ano de 2020/2021 em que fomos assolados, mundialmente, por uma pandemia provocada pelo Coronavírus: a Covid 19².

Do lugar privilegiado de pesquisadora que olha cientificamente para a fase inicial da escrita e de mãe de um menino de seis anos, cujo processo de

¹ Doutora em Linguística e Língua Portuguesa, professora adjunta da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis/SC. E-mail: fabiana.giovani@ufsc.br.

² De acordo com os dados oficiais do Ministério da Saúde (<https://covid.saude.gov.br/>) em 11/07/2020 tínhamos 70.398 óbitos acumulados no país. Já em 21/04/2021 o número de vidas perdidas é de 374.682.



alfabetização está ocorrendo em meio ao contexto da pandemia do Coronavírus, desenvolvo o presente texto a fim de refletir sobre algumas questões postas como, por exemplo, como tem sido este processo? Quais as implicações ao buscar respostas a este questionamento?

UMA MUDANÇA ESPACIAL E AS SUAS (NÃO) IMPLICAÇÕES

Fevereiro de 2020 marcou o ingresso de meu filho Lucca no primeiro ano do ensino fundamental, em uma escola particular da cidade de Florianópolis/SC. Mudança que exigiu uma certa adaptação, já que o garoto vinha da educação infantil do mesmo município, cuja premissa orientadora do trabalho era o “letramento”. Assim, o fato de ter uma carteira e uma mesa demarcada na sala, o realizar as atividades no caderno e na apostila³ - a maior parte do período do turno de aula - passou a ser uma novidade que substituiu as atividades de caráter mais livre e autônomo da educação infantil.

Ligada teoricamente aos estudos de alfabetização (GIOVANI 2010; 2006), acompanhei o processo que se iniciava apenas pelas tarefas de casa que vinham diariamente, limitando-me no papel de mãe a auxiliá-lo nas atividades. Como pesquisadora, já fazia uma leitura de que o trabalho com a aprendizagem da língua escrita era desenvolvido pela professora de uma perspectiva tradicional, sobretudo com a ênfase na silabação.

Ainda que o conteúdo do material apostilado da rede Positivo trouxesse um trabalho partindo de textos, o meu acompanhamento superficial já me fazia supor que o foco excessivo em uma unidade sonora, característico de métodos sintéticos, tirava o meu filho e seus colegas de turma de todo e qualquer contato efetivo com textos reais, dotados de estrutura e função social, dando lugar a frases sem nexos, como foi tão preconizada nas cartilhas de alfabetização do tipo “Ivo viu a uva”.

Obviamente, ficava como diz a expressão “com um pé atrás” ao pensar

³ A escola adota o sistema Positivo de ensino. A respeito, ver: <<http://www.editorapositivo.com.br/sistemas-de-ensino/sistema-positivo-de-ensino/>>.



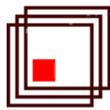
no processo de entrada de meu filho ao mundo da escrita. Até porque, ele não estava alfabetizado. Apesar de olhar de um modo muito particular para a alfabetização como pesquisadora, sempre tive a clareza de não querer “passar o carro na frente dos bois”, ou seja, a minha postura era a de deixar que a escola cumprisse o papel de alfabetizá-lo. Nesse sentido, algumas questões me tranquilizavam. Meu filho vive em um contexto letrado. Ouve histórias e manuseia livros desde bebê. Tem acesso à internet e a games. Circula por diferentes esferas sociais que exigem conhecimentos específicos de um ou outro gênero do discurso. Desse modo, a alfabetização enquanto domínio da escrita⁴ seria apenas mais um degrau da longa escada de sua vida escolar.

Assim, ainda que não tivesse domínio do sistema alfabético de escrita no momento de entrada ao primeiro ano, conhecia as letras, escrevia⁵ cartas ao papai Noel, ao coelho da Páscoa, já se envolvia em práticas de jogos, por exemplo, que demandava o conhecimento de uma ou outra letra do alfabeto. Então, eu sabia que para que o processo de alfabetização se efetivasse seria apenas um passo. Passo que eu não queria dar com ele em casa.

A situação de aula presencial durou pouco mais de um mês. Com a pandemia, as aulas na escola foram suspensas e em posse do material didático, passei, inicialmente, a realizar as atividades com ele (o que foi bom porque eu contextualizava e fazia com que as atividades com textos reais do material apostilado fizessem sentido). Após um tempo, a configuração das aulas mudou e a professora passou a passar a tarde com a turma em uma sala virtual. A mudança, no entanto, foi apenas espacial, porque de posse de um quadro, as aulas virtuais da professora eram semelhantes ao ambiente físico escolar. E eu – mãe e pesquisadora – ao assistir esse dia a dia, retrocedi 36 anos no tempo em meu processo de alfabetização. Dessa maneira, com pesar, via que meu filho estava sendo alfabetizado exatamente como eu fui na década de 1980, período de muito reflexão e inovação no ensino/aprendizagem de língua portuguesa, especialmente no Brasil, por meio

⁴ A alfabetização é compreendida como um processo discursivo.

⁵ Escrita não convencional levando em conta o sistema alfabético da língua portuguesa.



de um projeto conhecido como “proposta do Wanderley”⁶.

Acompanhar as aulas de alfabetização do meu filho me fizeram ter a consciência de que a professora com esta abordagem tradicional tinha por objetivo claro fazer com que as crianças apre(e)ndessem as famílias silábicas através de atividades com palavras descontextualizadas.

A APOSTA NO TEXTO E NA SINGULARIDADE

Em casa, com atividades mais contextualizadas e apostando na singularidade, comecei a incentivar o Lucca a produzir textos. A minha memória de futuro bakhtiniana construída a partir do conhecimento do passado e da vivência no presente, me fizeram apostar na interação e no acontecimento. Muitos eram os seus interlocutores: além da mãe e do papai, a madrinha, o Coelho da Páscoa, os tios, etc. De início, houve uma resistência com o argumento de que não sabia escrever, mas foi logo superado diante do incentivo e dos elogios que acompanhavam o produto final de sua escrita.

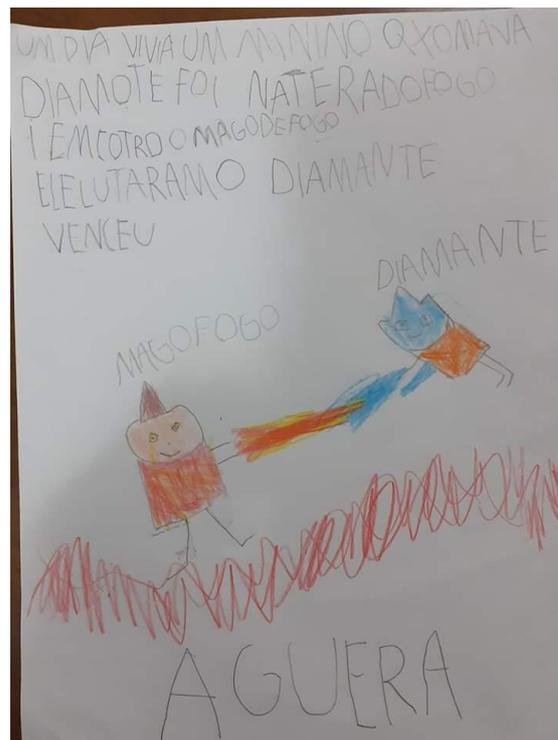
Desse modo, o conhecimento que o garoto começou a demonstrar ao manipular a língua viva, concreta, real ia muito além do que as palavras e frases trabalhadas pela professora nas aulas online. Enquanto ela estava ‘explicando e demonstrando’ à turma como se escrevia palavras constituídas por sílabas simples, Lucca me questionava sobre palavras formadas por sílabas complexas para compor o seu texto. Isso foi muito natural apesar de não dispensar a mediação. Como não me lembrar das palavras de Geraldi (2010) em “A aula como acontecimento” ao dizer que a construção das respostas deve partir das perguntas: esse seria o real acontecimento, caminho de construção do conhecimento.

Obviamente, não desprezava em nossas interações permeadas com/por textos o pressuposto de Bakhtin (2003) de que por trás de cada texto está o

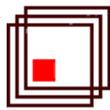
⁶ Nome dado aos estudos de Geraldi (2004) no início da circulação das ideias presentes na coletânea “O texto na sala de aula”.

sistema da linguagem de modo que a esse sistema corresponde no texto tudo o que é repetido e reproduzido.

A título de exemplo, seleciono uma produção escrita por Lucca no tempo das aulas online, durante a pandemia. Trata-se de uma narrativa sobre uma luta entre dois personagens:



É possível notar que, por meio da escrita, Lucca tem a oportunidade de dizer a sua palavra. Está constituindo-se sujeito de seu dizer ainda que o seu texto esteja permeado por alguns deslizos, ao considerarmos a escrita alfabética/ortográfica. No entanto, muito além de demonstrar domínio do código, ou seja, mais do que a aprendizagem de letras, fonemas, palavras, notamos que há um acabamento no texto e que o autor manifesta na sua escrita o diálogo com os games que gosta de jogar. Apoiados em Bakhtin (2004), poderíamos fazer uma análise mais detalhada das questões ideológicas presentes no discurso de Lucca. Como não relacionar esta guerra com a que estamos enfrentando contra um vírus? Quanta imaginação e quantas discussões poderiam ser desenvolvidas a partir desse texto em uma sala de alfabetização?



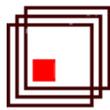
CONSIDERAÇÕES

A reflexão em pauta evidencia que trabalhar a alfabetização enquanto um processo discursivo é muito mais do que aprender letras, sílabas ou palavras isoladas. Dar a oportunidade de autoria aos alfabetizandos é se colocar à escuta de seu dizer que está permeado de sentidos e responder a eles. Notamos que o texto de Lucca apresenta questões específicas quanto ao domínio do código escrito. Há problemas nas sílabas complexas como, por exemplo, na palavra 'Diamante' - nome de um dos personagens -, grafado como "DIAMOTE". Porém, a leitura do texto é perfeitamente compreensível, o que dá abertura para a produção de sentidos.

Como palavras finais, mais uma vez chamo a atenção para a penetração em profundidade – expressão emprestada de Bakhtin (2003) – na língua escrita que Lucca teve comigo em momentos alternados com as mais de quatro horas diárias em que passou em frente ao computador com a professora, recebendo respostas, copiando ao estilo de um ensino tradicional e ousando acrescentar, sofrido.

Na verdade, a minha tentativa foi diminuir os impactos da perspectiva tradicional de ensino nessa fase tão especial da vida de meu filho como é a alfabetização. Tentei por meio de algumas interferências fazer com que ele brincasse com o vivido e registrasse a experiência nos textos em que escreveu. Proporcionar um acontecimento e considerar a singularidade foi o principal objetivo.

Tentei, em outras palavras, resgatar o que é papel da escola: possibilitar que a construção de conhecimentos a partir das experiências vividas (GERALDI, 2020). Talvez esteja no bom caminho com meu filho, mas isso não me conforta: e os seus quinze colegas de turma? E os tantos outros meninos de seis anos que estão em período de alfabetização em plena pandemia? Como possibilitar que a alfabetização seja a abertura de horizontes infinitos? Como fazer da alfabetização e das aulas online/remota um acontecimento? Espero



que esta experiência seja referência e inspiração.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Ed. Hucitec, 2004.

BRASIL. **DECRETO Nº 9.765**, de 11 de Abril de 2019. Disponível em http://www.planalto.gov.br/civil_03/_ato2019-2022/2019/decreto/D9765.htm. Acesso em: 20 abr. 2021.

CAGLIARI, L. C. **Alfabetização & Lingüística**. São Paulo: Scipione, 1999.

_____. **Alfabetizando sem o bá- bé- bi- bó- bu**. São Paulo: Scipione, 2008.

GERALDI, J. W. **Encontro Infância, alfabetização e cotidiano escolar**: um diálogo necessário, promovido pelo Grecotidiano - Grupo de Estudos Cotidiano Escolar e Formação de professores. Acesso pela plataforma Youtube. Acesso em: 07 jul. 2020.

_____. **O texto na sala de aula**. São Paulo; Ática, 2004.

_____. **A aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro & João editores, 2010

GIOVANI, F. **A ontogênese dos gêneros discursivos escritos na alfabetização**. 2010. 250 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2010.

_____. **O texto na apropriação da escrita**. 2006. 147 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2006.